

humanitas

Vol. XXIX-XXX

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
INSTITUTO DE ESTUDOS CLÁSSICOS

HUMANITAS

VOLS. XXIX-XXX



COIMBRA

MCMLXXVII-MCMLXXVIII

B. A. van Groningen, *Traité d'Histoire et de Critique des Textes Grecs*, Noord-Hollandsche Uitgevers, Amsterdam, 1963.

Roger Laufer, *Introduction à la textologie. (Vérification, établissement, édition des textes)*, Librairie Larousse, Paris, 1972.

Jacques Froger, *La critique des textes et son automatisation*, Lib. Dunod, Paris, 1968. Id., *La critique des textes et l'ordinateur* in «Vigiliae Christianae» 24 (1970) 210-217.

No que respeita à Literatura Portuguesa e edições críticas em Portugal pouco adianta S. Spina, para além da rápida menção do *Livro da Corte Enperial*, estudado por J. M. da Cruz Pontes (p. 118), do *Orto do Esposo*, dos *Cancioneiros da Vaticana* e *Colocci-Brancuti*, do *Boosco deleitoso*, do *Leal Conselheiro* e do *Livro da Enseñança de ben cavalgar toda sela*. Juntamos a indicação de algumas edições críticas dos últimos tempos:

Cartas do Brasil e mais escritos do P. Manuel da Nóbrega, Opera Omnia, por Serafim Leite, Coimbra, 1955;

Maria Adelaide Valle Cintra, *Livro de Solilóquios de Santo Agostinho*, ed. crítica e glossário, Lisboa, 1957;

Frei João Álvares, *Obras*, por Adelino de Almeida Calado, Coimbra, 1960.

Obra Completa de Cesário Verde, por Joel Serrão, Liv. Portugália, Lisboa, 1964;

Fernão Lopes, Crónica de D. Pedro. Edizione critica con introduzione e glossario a cura di Giuliano Macchi, Edizioni dell'Ateneo, Roma, 1966.

Eça de Queirós, A cidade e as serras, por Helena Cidade Moura, Lisboa, 1973.

Além dos processos de transcrição de Lindley Cintra, citados na bibliografia, temos hoje, da autoria do Prof. P. Avelino de Jesus da Costa, *Normas gerais de transcrição e publicação de documentos e textos medievais e modernos*, Braga, 1977 (publicadas nas Actas do V Encontro de Bibliotecários, Arquivistas e Documentalistas Portugueses).

JOSÉ GERALDES FREIRE

MARIA DOLORES DE ASIS, Hernan Nuñez en la historia de los estudios clásicos, Madrid, 1977, 263 pp.

Destina-se esta obra a integrar, em perspectivas mais amplas, o estudo em tempos realizado pela autora na sua tese de doutoramento, sobre a actividade filológica de Hernan Nuñez de Toledo y Gusmán.

Entre outros méritos, o livro realça de forma muito clara o contributo que o «Comendador grego» trouxe para a consolidação do humanismo espanhol. Relacionado na sua juventude com alguns dos homens de letras mais eminentes da Península, como Aires Barbosa e António Nebrija, seu mestre, cedo adquiriu reputação, não apenas pelo seu saber, como também pelo espírito de independência e de liberdade de crítica, que pôs à prova tanto nas suas atitudes, como nos seus escritos — aliás dentro da melhor tradição do humanismo.

Grande impulsionador dos estudos helénicos nas Universidades de Alcalá e Salamanca, deveu muito da sua formação ao Conde de Tendilla, de cujo segundo filho foi preceptor. Aí iniciou a sua actividade literária com a publicação de obras destinadas em princípio a apoiar a sua tarefa pedagógica: *Glosa a Las Trescientas* de Juan de Mena (1499) e *Historia Bohemia* de Eneias Sívio Piccolomini (1509). Ao seu protector ficou ainda a dever a oportunidade de duas viagens que realizou por Itália, onde pôde aperfeiçoar os seus conhecimentos humanísticos.

Marco importante da sua carreira profissional e literária é a sua estadia em Alcalá (1513-1522): em 1513, colabora na Bíblia Poliglota Complutense, patrocinada pelo Cardeal Cisneros; em 1519, obtém a cátedra de grego da Universidade de Alcalá, publicando por essa mesma altura, para uso escolar, traduções latinas dos *Sermones* de S. Basílio e o poema de Demétrio Mosco sobre a destruição de Troia, ambas dedicadas a Nebrija.

Depois do fracasso da revolta dos «Comuneros» em que militou também, troca Alcalá por Salamanca (1522), onde rege várias cátedras simultaneamente (1) e desenvolve o melhor da sua actividade filológica e literária até 1553, data da sua morte.

Estas diversas etapas da vida de Pinciano, a sua personalidade e relação com a cultura do tempo têm permanecido, como a autora sublinha no prefácio (p. 9), pouco estudadas. Daí o pormenor que lhes é aqui concedido e que permite, relativamente a anteriores trabalhos, uma perspectivação mais articulada da obra do autor e sua inserção no contexto biográfico, histórico e cultural. O cap. I «Apuntes para una biografía» com as conclusões que se oferecem no cap. III, «En busca de la fisionomia del Comendador», constituem pois parte fundamental neste estudo, dado que a ela se reportam também algumas importantes apreciações sobre a produção literária, analisada nos demais capítulos.

Assim a *Glosa a Las Trescientas* de Juan de Mena é objecto de estudo no cap. II; nos caps. IV, V e VI põe-se em destaque a importância das suas *Castigationes* a Séneca (1536), a Pompónio Mela (1542-1543) e a Plínio (1544) (2), que incluem não apenas pormenorizados comentários de carácter linguístico e cultural, onde é patente a universalidade do seu saber, como ainda observações de crítica textual,

(1) Os *Libros de Claustro* da Universidade referem o facto de Hernan Nuñez reger simultaneamente as cátedras de retórica, de leitura de Plínio e de grego. Sabe-se ainda que apresentou também em 1533 a sua candidatura à cátedra de prima de gramática, juntamente com João Fernandes, entre outros (pp. 59-62). Não lhe sendo atribuída esta regência, cioso dos seus direitos, apela para Valladolid, apresentando como testemunhas no interrogatório mestres de vulto, tais como Clenardo, a quem teria ensinado árabe.

(2) A acentuada inclinação de Pinciano pela crítica «textual» (num sentido evidentemente renascentista e não moderno) constitui justamente um dos traços mais característicos da actividade humanística. Parece-nos que teria sido útil uma referência mais incisiva à integração dessa actividade filológica no contexto da época, detectável ainda na preferência por certos autores, como Plínio (vide Jorge Alves Osório, «Crítica e humanismo no Renascimento», *Humanitas*, XXVII-XXVIII, 1975-1976, especialmente pp. 43-45).

cuja justeza ainda em nossos dias terá de reconhecer-se. O cap. VII ocupa-se da obra póstuma, em romance, *El Refranero*, publicada por um seu discípulo, Leão de Castro, que se insere, segundo a autora, pelo seu carácter popular, não na linha de Erasmo, mas na tradição tipicamente espanhola que lhe é anterior (p. 217).

Em apêndice, uma informação bibliográfica de Pinciano.

Trata-se no conjunto de uma obra donde se pretendeu irradiar a erudição maciça, a fim de facilitar o acesso do livro tanto a especialistas como a não especialistas, não caindo no entanto na superficialidade e nas generalidades puras.

De notar o cuidado especial que mereceu a ordenação dos diferentes temas e das perspectivas em que foram abordados. O que não se evita é um certo tom repetitivo, que não deixa contudo de beneficiar o leitor comum, menos familiarizado com a época e com a personalidade em causa.

No que respeita à estruturação, teria talvez sido preferível que as achegas que no cap. III se oferecem sobre a fisionomia do Comendador se seguissem directamente ao esboço biográfico contido no cap. I, sem a interposição de um outro que, pelo seu carácter de introdução à produção filológica e literária, estaria muito melhor a anteceder os capítulos dedicados a essa matéria. Mas esta e outras circunstâncias de elaboração (por ex. a falta de um índice onomástico, que possibilite uma melhor utilização da obra em futuros trabalhos) são facilmente superadas pela novidade do material aduzido, pelo aproveitamento consciencioso e exaustivo das fontes utilizadas e ainda pelo bom número de intuições e reflexões que apresenta.

É o caso de *El Diario del Perfecto Médico*. Quer pelas alusões biográficas, quer por importantes coincidências de estilo e de ideias, esta obra revela nitidamente, conforme aí se demonstra, que o seu autor não poderia ser um simples discípulo, como sugere Bataillon, mas alguém muito íntimo de Pinciano, não se excluindo mesmo a hipótese de ser o próprio humanista (pp. 74-78) (3).

Outras sugestões de interesse, colhidas em estudiosos anteriores são também objecto de atenção crítica por parte de M. Dolores de Asís. É o caso da hipótese de Rimeau, que atribui a autoria da novela picaresca *El Lazarillo de Tormes* a Hernan Nuñez. A autora, não perfilhando esta ideia, justifica-a no entanto pelas estreitas relações entre a corrente crítica do humanismo e a picaresca, e mesmo até entre o humanismo e o realismo dos sécs. XVI e XVII (pp. 128-129).

Um aspecto curioso, que é apontado também, é o de Castro Guisazole ter descoberto na *Celestina* influências da *Glosa* do comendador à *Las Trescientas* de Juan de Mena (p. 98).

O facto de terem sido feitos modernamente estudos desta natureza, mostra-nos o valor e a oportunidade que uma das personalidades mais representativas da primeira metade do séc. XVI, Hernan Nuñez, e a sua obra estão ainda hoje a despertar.

(3) A hipótese é apenas muito vagamente sugerida, talvez por um certo preconceito tradicional contra tudo o que possa ser considerado como auto-elogio. Mas cremos que nada terá de descabido. A circunstância de o autor figurar como personagem de um diálogo por ele escrito, encontra forte apoio na tradição clássica (por ex. Cícero, *De Legibus*) e não iria certamente contra os gostos do humanista já velho, com maior necessidade ainda de se afirmar.

No entanto, a sorte do humanista não competiu sempre com o seu mérito, dando-nos provas a autora, para além de outras (4), do esquecimento a que foi votado, ao referir, em apêndice, a confusão que na edição Teubner da *Cosmografia* de Pompónio Mela tinha sido feita por Frick entre Pinciano e o mestre de medicina Francisco Nuñez de la Yerva (pp. 243-248).

Se o desconhecimento deste humanista tem dado origem a confusões de que não estão isentos até estudiosos de mérito, a publicação desta obra vinha-se tornando urgente e indispensável.

NAIR DE NAZARÉ CASTRO SOARES

(4) Exemplo claro é a facilidade com que desapareceu das bibliotecas espanholas a sua edição bilingue «O rapto de Helena» de Demétrio Mosco, de que existe apenas um exemplar único no Museu Britânico. A raridade e o quase desconhecimento da obra tem levado a confusões, não faltando quem a tomasse por um idílio do poeta grego Mosco, como J. G. Fucilla, «Materials for the History of a popular classical theme» em *Classical Philology*, 26 (1931), pp. 135-152.

Sobre este assunto, vide Américo da Costa Ramalho, «Uma bucólica grega em Gil Vicente» in *Estudos sobre a Época do Renascimento*, pp. 133, 136 e nota 9 (pp. 177-178).